

TV Palmares e o futuro do Brasil

» CLÁUDIO PEREIRA
Diretor de TV, radialista e DJ



Semanas atrás, assistindo ao ator, produtor, roteirista, diretor e dramaturgo Silvio Guindane em entrevista ao Pedro Bial, revigorei-me. Entre uma fala e outra sobre o racismo estrutural e o longa *Mussum, o filmis* que dirigiu, Silvio diz que o país precisa avançar mais na valorização do cinema negro. Então, como trabalho com cinema, sou diretor de tevê, produtor e radialista gaúcho — focado no resgate das histórias negras do Sul —, declarações assim muito me emocionam. Afinal, sou Família Pereira — Claudinho, Preta, Ketelen, Christian, netas e bisnetas e mais e mais pereirinhas. Daí, vi que, no último 18 de abril, o presidente da Fundação Cultural Palmares, João Jorge do Olodum, recebeu autoridades e o reitor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Roberlaine Jorge, que lhe entregou a proposta de criação da TV Palmares desenvolvida em conjunto com Celso Prudente, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e demais parceiros. Pensei: “Bah, baita iniciativa!”. Liguei pro Joelzito Araújo, meu amigo e grande diretor de cinema brasileiro (*Pai da Rita, Filhas do vento, Meu amigo Fela, Raça* e muitos outros excelentes filmes e documentários), que me incentivou a comentar o caso.

Chamei nossa amiga Sátira Pereira Machado para me explicar a proposta, já que ela, atualmente, é professora da Unipampa e devia saber de algo. Segundo ela, em 1971 — em sintonia com as ancestralidades negras detentoras de múltiplas resistências e resiliências e em alusão à data da morte de Zumbi do Quilombo dos

Palmares —, o primeiro ato evocativo ao 20 de novembro foi realizado pelo Grupo Palmares, da capital gaúcha. Em 1978, agregando várias entidades negras brasileiras, foi criado o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), em São Paulo.

A antropóloga Lélia Gonzalez, a historiadora Beatriz Nascimento, o jornalista Hamilton Cardoso, o jurista e procurador da República Wilson Prudente, o poeta Eduardo de Oliveira, o sociólogo Clóvis Moura, o poeta Oliveira Silveira, o intelectual Rui Costa e o economista e teatrólogo Abdias do Nascimento, por exemplo, formam um quadro de saudosas e saudosos militantes que estiveram no processo inicial de formação do MNU. Igualmente, personalidades de Belo Horizonte, de Porto Alegre, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Salvador e de tantos outros lugares se somaram a esse dinamismo em torno da conscientização do valor das populações negras.

Não ficou por aí... Ela trouxe aqui em casa o reitor Roberlaine e Naiara, filha do poeta afro-gaúcho da consciência negra Oliveira Silveira (1949-2009). Jantamos o prato mineiro caldo de “Quenga” da Preta Pereira, para trocar ideias. Foi aí que entendi o quanto relevante é essa empreitada.

Nas conversas, descobri que o propósito é criar um espaço televisivo capaz de manter uma programação com pautas atuais das inúmeras temáticas afro-brasileiras, da diáspora negra e do continente africano. Seria uma forma de viabilizar divulgações comprometidas com a equidade por meio de uma enorme rede

de troca de conteúdos entre produtoras e emissoras que pode incluir intercâmbios com entidades públicas, privadas, nacionais e estrangeiras, em relações de reciprocidade.

Imaginem ter acesso a editorias de qualidade jornalística, artística, científicas, amplificadoras de reflexões sobre os antirracismos e as negritudes, contemplando a convergência midiática? De fato, creio que só a Fundação Cultural Palmares tem o potencial de catalisar esse processo, por seu arcabouço legal e executivo. Só ela pode garantir o aspecto transcultural e instituir fluxos participativos capazes de atender aos anseios do público brasileiro: respeito às diferenças e promoção de uma cidadania comunicativa. Seria uma ótima forma de fortalecer a comunicação cidadã na atualidade.

Sou filho de mãe negra com pai branco. Agora que estamos entrando na mídia com uma nova imagem, não queremos só a visibilidade, mas também o reconhecimento do nosso profissionalismo.

O grande desafio dos novos tempos é saber de que maneira absorver e aplicar todas as influências importantes de um passado nostálgico no projeto de um país com um futuro ainda incerto. Precisamos criar iniciativas inovadoras para descobrir a maneira de recriar o Brasil. Brindar novos projetos como esse, de criação da TV Palmares, é pensar no futuro da nação. É valorizar a incandescência das telas em novas cores, abrir novos espaços para os(a) criadores(as) das imagens, dar vida à vida e deixar a negação para trás. Que venha a TV Palmares!

Sem educação ambiental, projetos sustentáveis ficam incompletos

» FERNANDO DE CASTRO MARQUES
Presidente da União Química

Cuidar do meio ambiente é, por definição, uma tarefa multigeracional. Assim como sofremos hoje as consequências climáticas de séculos de abuso do homem em relação à natureza, só um esforço de longo prazo poderá reverter ou, mais provavelmente, frear os efeitos dramáticos do aquecimento global.

Ademais, a aposta em um modo de vida mais sustentável não produz efeitos imediatos. Se mudássemos radicalmente nossas cadeias produtivas, zerando o desmatamento, reduzindo a produção de lixo e a emissão de gases poluentes, adotando fontes limpas de energia, ainda assim, demoraríamos um bom tempo para colher os frutos dessa mudança.

Tudo isso aponta para o fato de que a educação ambiental precisa ser prioridade para qualquer nação que deseja construir um futuro mais sustentável. Sem um esforço sistemático de conscientização das novas gerações a respeito da importância da natureza para a perpetuação da espécie humana na Terra, é impossível falar sério sobre sustentabilidade.

As empresas podem — e devem — se engajar. Há inúmeros caminhos para estabelecer parcerias com instituições de ensino, das ações mais tradicionais, como palestras e exposições, até as de cunho profissionalizante, que aproveitam o espaço corporativo como palco para ações pedagógicas voltadas a melhor preparar o jovem para o mercado de trabalho.

O fundamental é que essas ações não sejam isoladas — isto é, que se deem no âmbito de projetos bem estruturados, com metas, prazos e mecanismos de autoavaliação. Nos dias atuais, em que a agenda ESG (ambiental, social e de governança, na sigla em inglês) ganhou os holofotes como nunca antes, é fundamental atentar para que iniciativas desse tipo não busquem simplesmente a construção de uma “boa imagem” corporativa, sem refletir um compromisso sólido da instituição com uma agenda de transformação social.

Se é de suma importância esse engajamento das empresas na melhoria da educação pública, sobretudo no âmbito da educação ambiental, é preciso também garantir que quaisquer projetos privados de sustentabilidade tenham uma interface educacional de modo a olhar para as futuras gerações como agentes absolutamente imprescindíveis na mudança do futuro do planeta.

Pensemos, por exemplo, em uma ação de reflorestamento levada a cabo por uma empresa. Sem um trabalho concomitante de conscientização das comunidades locais a respeito da importância de preservar e nutrir as árvores plantadas, idealmente com o envolvimento das escolas da região e demais organizações socioeducativas, a ação fica, por assim dizer, pela metade.

Nesse caso, investir em educação ambiental é garantir não apenas que as árvores plantadas serão cuidadas pela comunidade, mas,

sobretudo, que as próximas gerações crescerão com a consciência de não promover novos desmatamentos e de fazer escolhas que levem em conta primeiramente, ou de forma prioritária, o meio ambiente.

Devemos estimular essa postura vigilante e proativa nas crianças e nos adolescentes. Ela permite, por exemplo, que os jovens se tornem pesquisadores em suas casas e escolas, atentando para o uso consciente da água, o descarte correto do lixo, o desperdício de materiais. Bons projetos educacionais, unindo a escola pública e a iniciativa privada, têm a capacidade de oferecer esse protagonismo ao estudante, que adquire conhecimentos novos e, simultaneamente, contribui para a construção de um meio mais sustentável.

Diz o ditado que uma boa sociedade é aquela em que as pessoas plantam árvores em cuja sombra jamais poderão descansar, pois já terão partido quando as mudas terminarem de crescer. A cada dia que passa, a ideia aí expressa deixa de ser uma mera reflexão sobre a vida, o futuro e a generosidade, para se tornar questão de sobrevivência.

Devemos, concreta e metaforicamente, plantar árvores para as próximas gerações. E não há maneira mais eficaz de formar bons jardineiros para cuidar dessas árvores — e das ideias e dos valores que elas representam — do que apostar na educação ambiental para as novas gerações.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Teatro de horrores

Nada como um conflito feroz, como ao que assistimos agora entre Israel e o grupo terrorista Hamas, para mostrar quem é quem em tempos de guerra. São em tempos assim, quando a razão e, sobretudo, a humanidade parecem se exilar num horizonte distante, que os indivíduos das mais diversas crenças e formações intelectuais deixam vir à tona aquilo que os atores de teatro da antiguidade clássica denominavam persona.

É essa persona, ou máscara disposta ao lado da face para dissimular a verdadeira natureza e personalidade de um indivíduo, que estamos vendo agora com mais nitidez. É essa espécie de instância psíquica, a ligar o indivíduo ao grupo social, que está sendo revelada durante a tomada de posição e na escolha das trincheiras que cabe a cada um ocupar diante de um conflito que opõe uma civilização milenar e firmemente fundada sobre princípios bíblicos e éticos e um grupo de fanáticos assassinos, que não têm outra bandeira a não ser o caos e a morte.

Não é difícil encontrar, nesse caso exemplar de embate entre a civilização e a barbárie, indivíduos em todo o mundo, e aqui também no Brasil, que assumem simpatia pelo grupo terrorista, torcendo para que Israel seja varrido do mapa. E pensar que essa torcida pelo caos é majoritária justamente entre os estudantes das universidades dentro e fora do nosso país. Mesmo entre alunos do ensino secundário, não é difícil encontrar quem se oponha a Israel e apoie o grupo Hamas, mesmo sabendo da carnificina que esse grupo promoveu em 7 de outubro contra a população civil.

A preocupação aqui é dada pelo fato de que essa escolha pelo mal é feita por pessoas que acreditamos estar em centros de ensino, onde a busca pelo saber só pode ser concretizada se vier acompanhada pela verdade. O saber e a verdade são elementos indissociáveis, ou deveriam ser. A explicação para que tantos estudantes universitários se alinhem despidamente ao grupo Hamas só pode ter algum sentido se formos aceitar que vivemos um tempo de distopia, onde o caos seria o caos desejado. Um porto inseguro.

O que essa juventude parece defender, mesmo sem saber, é o desejo pelo fim da civilização como a conhecemos. Essa situação é ainda mais preocupante quando se verifica que, em outros tempos, a juventude parecia, por meio de suas revoltas e em meio às suas flutuações hormonais, apontar um mundo novo, onde haveria lugar para todos.

Incomoda o fato de sabermos que, agora, nesses tempos absurdos, é a própria juventude que parece apontar para o abismo. O que haveria de tão niilista nas escolas hodiernas para que tantos jovens viessem a torcer pela escuridão. Por certo, a luz do saber, da razão e do humanismo ainda não lançou seus raios nesses centros de saber.

O que esses jovens aprendizes parecem desconhecer é que, caso suas teses revolucionárias vinguem e grupos como o Hamas e outros do gênero venham a destruir Israel, eles mesmos serão os próximos da lista de decapitados. Talvez, nesse teatro de horrores, esse desfecho faça, enfim, algum sentido.

» A frase que foi pronunciada

“Um político divide os seres humanos em duas classes: instrumentos e inimigos.”

Friedrich Nietzsche

Novidade

» Coerente entre o discurso e a ação, a deputada Paula Belmonte trata do bem público reverenciando o contribuinte. É que, na Comissão de Fiscalização, Gestão, Transparência e Controle da Câmara Legislativa, Paula Belmonte anunciou a criação de uma plataforma onde o cidadão possa acompanhar a gestão dos recursos públicos do Distrito Federal.

Lupa

» Quem acompanha as emendas de leis e repasses nem sempre pode seguir o trilho das verbas destinadas a várias rubricas, como educação, saúde, segurança e saneamento. A deputada Belmonte garante que, nos próximos dias, será possível acompanhar exatamente o que é feito com o dinheiro público.

Observatório Cidadão

» Poderão ser acompanhados contratos públicos, convênios, benefícios sociais, concessões, permissões de imóveis, campanhas publicitárias e suas cifras. Enfim, o Observatório Cidadão trará as ferramentas para que o contribuinte possa aproximar a lupa do que entrou na conta do governo do DF e como está sendo aplicado.

» História de Brasília

A ressalva em torno dos frangos foi feita a propósito, porque as autoridades deviam saber que a granja do Torto, onde reside o presidente da República, tem uma excelente criação de frangos, e era quem fornecia para todos os banquetes realizados em Brasília. (Publicada em 27/3/1962)